

Nutricionista com Obesidade: sofrimento e estigma

Kênya Araújo¹, Maria do Carmo Freitas¹, Paulo Pena², Rosa Garcia³

¹Escola de Nutrição da Universidade Federal da Bahia, Brasil. kenyanut@yahoo.com.br; carmofreitas@uol.com.br

²Faculdade de Medicina da Universidade Federal da Bahia, Brasil. plpena@uol.com.br

³Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo, Brasil. rwdiezgarcia@gmail.com

Resumo. A experiência de ser nutricionista obesa e suas implicações para a vida social e profissional foi o mote deste estudo com mulheres, que revela como o estigma gerado pela obesidade afeta sua relação com o trabalho e produz um sentimento de fracasso. Este estudo objetiva analisar sob a perspectiva hermenêutica as narrativas de nutricionistas com obesidade e sua relação com o trabalho e outros aspectos do cotidiano. A abordagem qualitativa com entrevistas semiestruturadas apresenta análises das narrativas sobre obesidade, mundo social e trabalho. A pesquisa revela que nutricionistas com obesidade vivem experiências de estigma e sofrimento devido ao “pânico” social causado pelo corpo gordo. Essa pesquisa é importante na medida em que desvela fenômeno conhecido, mas ainda não discutido na esfera científica entre nutricionistas e convida a sociedade e as Instituições de Ensino Superior para um aprofundamento sobre a problemática da obesidade na formação e na prática profissional do nutricionista.

Palavras-chave: obesidade, nutricionista, estigma social

Obese nutritionists: suffering and stigma

Abstract. The experience of being obese nutritionist and its implications for social and professional life was the motto of this study with women, which reveals how the stigma generated by obesity affects their relationship with work and produces a sense of failure. This study aims to analyze in the hermeneutic perspective the accounts of dietitians with obesity and its relationship to work and other aspects of daily life. The qualitative approach with semistructured interviews features analyzes of obesity on narratives, social world and work. Research shows that obesity nutritionists live experiences of stigma and suffering due to "panic" caused by the social body fat. This research is important in that it reveals phenomenon known but not discussed in the scientific sphere between nutritionists and invites society and higher education institutions to a deepening of the obesity problem in training and professional nutritionist practice.

Keywords: obesity, nutritionist, social stigma.

1. Introdução

Na sociedade ocidental há uma tendência a modelar o corpo a fim de atingir padrões estéticos determinados por um ideal de corpo construído com rigor alimentar e exercício físico. Esse controle do corpo denota disciplina e adequação social (Esteban, 2004). Considerando que o corpo culturalmente está vinculado a uma prática sócio profissional, é esperado que se aprenda a utilizar o corpo e a imagem de acordo com o coletivo ao qual o sujeito pertence.

O corpo tem influência no desenvolvimento da identidade das pessoas no âmbito social e laboral. Converte-se em mensagens, valores e formas. Nessa leitura, as inscrições realizadas no corpo de nutricionistas tendem a seguir o padrão estético corporal contemporâneo – delgado, leve e ágil. Para Hubert (2007), a imagem do corpo delgado que está presente na mídia incita as mulheres a buscar esse corpo como a um objeto de consumo.

Assim, o corpo como imagem de certas ocupações pode assumir o excesso de peso como um problema. No caso das nutricionistas, controlar o peso, estando imersas em dietas, as relaciona ao

meio social de que fazem parte. Nesse sentido, para o mundo contemporâneo “emagrecer tem se convertido numa metáfora de bem-estar para as mulheres, e engordar, metáfora de fracasso” (Esteban, 2004, p. 83), fato que se intensifica se associarmos sua ocorrência com nutricionistas, onde o peso simbólico do corpo parece mais evidente.

Este artigo objetiva refletir sobre a obesidade ao apresentar a visão de nutricionistas com obesidade sobre esta problemática. A aproximação das ciências da saúde com as sociais e humanas ajuda a interpretar a multicausalidade da enfermidade em questão, pois o pragmatismo do modelo biomédico limita-se ao discurso do balanço energético, o qual tem se revelado insuficiente para o cuidado de pessoas com excesso de peso.

Neste estudo, a nutricionista com obesidade atribui valores simbólicos ao seu corpo inscritos nas associações entre alimento e mundo do trabalho, e foram interpretadas narrativas de nutricionistas nessa condição e sua relação com o mundo sócio profissional.

2. Metodologia

Trata-se de uma investigação com abordagem qualitativa, realizada no ano de 2014, na cidade de Salvador (BA), sendo sujeitos de pesquisa nutricionistas mulheres com obesidade - trabalhadoras de instituições públicas e/ou privadas que atuavam nos diversos campos pertinentes à profissão. As entrevistas foram realizadas em seus locais de trabalho ou em seus domicílios, sendo escolhido o local indicado por elas como o mais conveniente.

Foram estabelecidos como critérios de inclusão: ter a profissão de nutricionista, ser mulher, sentir-se obesa, atuar/ter atuado no campo da nutrição e aceitar participar do estudo ao assinar o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

Para a identificação de informantes-chaves, as nutricionistas entrevistadas indicavam outras colegas, constituindo assim uma seleção entre as pesquisadas (Chavechia *et al*, 2008). Esse processo ocorreu até a verificação da intersubjetividade nas entrevistas, que foram consideradas satisfatórias para a investigação com a similaridade das informações (Bibeau, 1995). Nesse sentido, buscou-se os significados da obesidade para as nutricionistas no intuito de compreender como elas interpretam essa enfermidade, considerando aspectos relevantes de sua inserção no mundo sócio profissional.

Para a coleta de dados, foram realizadas e gravadas entrevistas em profundidade, individuais, seguidas de transcrição dos relatos obtidos. O instrumento de coleta de dados (roteiro de entrevista semiestruturada) possibilitou um diálogo aberto com as entrevistadas e a aproximação com a pesquisadora.

As entrevistas foram realizadas em sessão única, com duração média de quarenta e cinco minutos, sendo selecionadas para este estudo sete participantes com idade entre 30 e 62 anos, cujos nomes aqui empregados são fictícios a fim de manter preservada a real identidade.

Na análise das narrativas foi utilizada a abordagem hermenêutica, que permite uma interpretação da realidade a partir de seu contexto sociocultural (Gadamer, 1997; Minayo, 2012). As interpretações e a categorização das narrativas foram realizadas com as conexões entre os significantes relacionados à obesidade e os assuntos do trabalho referidos. Os significantes foram agrupados de acordo com similitudes e/ou diversidades relatadas sobre a obesidade.

A pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Faculdade de Medicina da Universidade Federal da Bahia em 04 de setembro de 2013, sob o nº 383.530. Considerou-se a Resolução nº466/12 do Conselho Nacional de Saúde.

3. Resultados e Discussão

As histórias de adoecimento pela obesidade das protagonistas do estudo revelam que o ambiente social repercute sobre o corpo físico, podendo comprometer sua saúde. As narrativas tratam do conflito vivido pelas nutricionistas por não comerem segundo as recomendações nutricionais e do desconforto gerado por essa contradição, para a qual parece não haver explicação que permita a compreensão da desordem alimentar que habita sua vida.

As narrativas apresentam a inquietação e tristeza das entrevistadas em relação ao modo como comem, pois não conseguem resposta satisfatória relativas ao controle de peso a partir de seu saber técnico – e com isso denuncia o limite da terapêutica nutricional e desloca o problema da obesidade para além do âmbito da saúde. A complexidade da obesidade as faz sentirem-se impotentes por não lograr o êxito do emagrecimento tendo a chancela acadêmica para prescrevê-lo.

Para entender como essas sete mulheres dão significado à experiência da obesidade no mundo sócio profissional faz-se necessário um diálogo entre as ciências da saúde, humanas e sociais. Vê-se adiante que a obesidade, por se tratar de uma enfermidade crônica e de difícil tratamento, gera nas nutricionistas deste estudo um sentimento de fracasso.

Ao se aplicar o método hermenêutico, foram identificadas palavras e expressões chaves que intitularam as categorias analisadas, a saber: “Nutricionista gorda? Não pode!” e “O sentimento de fracasso na profissão”.

Nutricionista gorda? Não pode!

A construção corporal é um processo individual que perpassa por estruturas sociais e requer reflexão sobre as maneiras possíveis de viver, sentir e colocar o corpo em funcionamento no cotidiano da vida (Esteban, 2004). Assim, o corpo da mulher aqui entrevistada retrata um caminhar que assume o comer como uma mescla de simbolismos exteriores à nutrição do corpo.

“Obesidade é um mal terrível, sem controle de nossa parte”. (Rita, 62 anos)

Fica evidenciado nesta voz que a gordura que habita o corpo dela é como um castigo em sua vida sobre o qual não têm controle. Esta mulher se sente impotente nessa complexa relação corpo-alimento. Sobre isso, outra entrevistada compartilha também seu incômodo gerado pelo corpo obeso: *“A obesidade é um marco negro na minha vida. Eu não gosto. Me incomoda”. (Jéssica, 47 anos)*

A não aceitação do próprio corpo reafirma a falta de controle sobre si, pois trata a obesidade como algo que tem força o suficiente para se manter ali, como se o sujeito não tivesse poder de decisão. *“Outra entrevistada trata da percepção de que a sociedade lhe impõe constrangimento e pudor devido ao corpo obeso, como se a responsabilizasse por este descuido com sua vida.” Já fiquei mais ansiosa, envergonhada com meu corpo, por ser nutricionista e estar assim. Às vezes, as pessoas vêm mesmo com crítica [...]” (Sônia, 41 anos)*

Sônia trata da visibilidade do seu “corpo-profissão” que perde a privacidade. Fica evidente em seu relato a representação inadequada do seu corpo para o trabalho, o papel social que o corpo obeso exerce e a necessidade de estar modelado para ter poder de persuasão (Vincent, 1992).

Faz-se oportuno destacar a exogenia da obesidade trazida por Mabel Gracia (2015) ao problematizar a influência sociocultural no processo saúde-doença tecendo crítica às múltiplas (mas ao mesmo tempo similares e falhas) estratégias mundiais de combate ao problema da obesidade que se mantém avançando mundialmente em larga escala. Em vista disso, Vincent (1992) enfatiza que o alimento ultrapassa o caráter nutricional e a obesidade assume outros códigos sociais (como a de um inimigo público).

Esteban (2004) trata ainda da responsabilidade pela aparência que é atribuída às mulheres nas diferentes culturas, pois através do corpo discute-se o lugar social e vive-se a subjetividade. Carol narra o conflito vivido em decorrência do (des) controle de seu peso corporal: *“Eu me senti olhada várias vezes. Ouvia dos meus colegas comentários de como eu poderia ser nutricionista e estar gorda” (Carol, 39 anos).*

Perrot (2003) trata da publicidade vivida pelo corpo feminino - encoberto pelo silêncio diante da violência advinda dos olhares próximos. Para as nutricionistas o mundo do trabalho perpassa o uso de si, é um exercício de conectar a teoria aprendida por ocasião da sua formação à sua prática. *“Nas comunidades as pessoas não verbalizam, mas está dito no olhar (faz gesto com a mão na direção do rosto). Como se dissessem: “Que nutricionista gorda é essa?” (Alice, 39 anos)*

O olhar e o gesto da mulher que relata cenas do seu cotidiano marcam o sofrimento vivido por essa trabalhadora ao “ler” a desqualificação que lhe é atribuída pelo outro ao não reconhecer sua legitimidade para o trabalho.

Dhoquois (2003) afirma que corpo e pessoa são inseparáveis, e assim, a força de trabalho é contratada/vendida com o corpo do trabalhador. Nessa esfera, o corpo da nutricionista está envolto no dever da magreza – sendo esse o requisito para demonstrar a sua potencialidade para o trabalho. O corpo assume este lugar de justaposição.

Alice fala sobre o olhar do outro que se detém na dimensão corporal considerada inadequada pelo excesso de peso aparente. Apresenta também o olhar dela, profissional e cuidadora, que se detém na sutileza de penetrar e ler as interpretações às quais está submetida. *“Ninguém vive de dieta a vida inteira. Ninguém consegue. Eu sei que o alimento não tem só o componente nutriente. Ele está contextualizado [...]” (Sônia, 41 anos)*

Sônia fala sobre a difícil tarefa de compreender o sentido do alimento para os sujeitos, pois requer conhecer o cotidiano de suas vidas e as suas relações sociais. A contextualização por ela referida remete a intercessão de fatores que podem resultar no cuidado à saúde e da alimentação, como aspectos relacionados ao trabalho ou a vida familiar. Seu olhar e tom de voz durante o relato, no entanto, remetem a agonia diária à qual as nutricionistas parecem estar submetidas – que é a obrigação moral de viver sob restrição calórica.

O corpo dessas mulheres se tornou objeto de luta que está submetido ao olhar de outrem. Um corpo desintegrado da sociedade (Vincent, 1992). Em todas as narrativas permanece uma lacuna, segue nas entrelinhas o questionamento para o qual ainda não há resposta: como (re) educar a alimentação da (nutricionista) obesa? Não se conhece literatura dirigida ao tema.

O sentimento de fracasso na profissão

A ciência médica produz definições acerca do que é considerado normal, patológico e ideal. Nesse contexto, a obesidade é entendida como um problema de saúde crítico no mundo ocidental, e obeso é aquele indivíduo com IMC superior a 30kg/m² (Esteban, 2004). Para a autora, a obesidade exige, automaticamente, adoção de medidas terapêuticas.

Para Adam (2001), os profissionais passam por um processo de seleção social no qual é necessário provar que possui qualidades, o que no caso de nutricionistas ficaria mais facilitado se estivessem com o peso considerado normal. Sobre isso Beatriz narra a não aceitação do seu corpo no mundo contemporâneo e a sua busca estéril pela perda de peso: “*As pessoas sempre disseram que eu tinha que perder peso, que eu era... (silêncio). Acho que se eu fosse magra seria melhor recebida pelas pessoas. Mas já fiz de tudo para emagrecer [...] e não estou conseguindo. É muito, muito, muito difícil*” (Beatriz, 30 anos).

A ciência da nutrição defende a adoção de hábitos alimentares e de vida saudáveis para a garantia de um corpo funcional; e as nutricionistas deste estudo partilham sua visão de mundo contrapondo o discurso científico predominante. Nos relatos abaixo, as nutricionistas revelam a noção de causalidade que facilita a compreensão do seu processo de adoecimento ao tempo em que se mostram frágeis na tentativa de equalizar tantos fatores que circundam a alimentação:

Meu trabalho era muito estressante. Comecei a ter palpitações, insônia, ansiedade, porque eu achava que não ia dar conta - e eu precisava do trabalho! Com isso, desenvolvi compulsão alimentar. [...] Eu tinha uma alimentação desordenada e isso me trouxe um ganho de peso enorme (Sônia, 41 anos)

Fui trabalhar em um hospital e lá fiquei mais obesa porque eu comia mal e engordava por ansiedade [...](Diná, 49 anos)

A duração e a intensidade da jornada de trabalho, o que inclui a diversidade de horários a serem conciliados, a preocupação de enfrentar os problemas e pressões da vida cotidiana e desempenhar seu papel social com eficiência, fazem do tempo um dos mais importantes fatores limitadores da organização de uma rotina alimentar entendidas no contexto atual como saudável – sendo, portanto, um interveniente-chave das suas escolhas alimentares. Neste sentido, a dificuldade de seguir as recomendações alimentares propostas pela credencial de nutrição parece se configurar como (mais) um fator estressor na vida dessas mulheres.

“Eu me sinto incapaz. Tecnicamente a gente sabe tudo, mas a teoria não adianta nada. Eu gosto da profissão, mas tenho vergonha de dizer que sou nutricionista sendo obesa. [...] Na nutrição não tem induto para a obesidade, então, tenho vergonha de usar meu CRN” (Carol, 39 anos).

Sabe-se que profissionais de saúde têm ações legitimadas pelas políticas públicas, incluindo as proposições de mudanças no padrão alimentar, no intuito de intervir para melhoria da qualidade de vida das pessoas (Diez-Garcia, 2012). A abordagem das ciências sociais no campo da alimentação e nutrição estimula a reflexão sobre o corpo, passível de leituras diferenciadas, de acordo com o contexto social no qual os sujeitos estão inseridos, e revela o mundo dos significados que o envolve (Freitas, 2002).

Na contemporaneidade, claramente se vê a ideia de que os indivíduos definem quem e o que são pelo modelamento de seus corpos – a sociedade intima à magreza. O corpo esguio faz-se sinônimo

da mulher moderna, ágil, eficiente e saudável; logo, ser obesa é um pavor. O corpo magro ou normopeso são então sinônimos de qualidade de vida e bem-estar.

As nutricionistas obesas deste estudo convivem com um julgamento moral a seu respeito que as condena por comer muito e pela falta de controle sobre si – exigido pelos olhares fiscalizadores constantes (Castro, 2003).

4. Considerações Finais

O corpo magro exigido pela sociedade contemporânea tem gerado sentimento de culpa para os sujeitos cuja imagem corporal se afasta dessa imposição. Para nutricionistas, a construção de identidade profissional passa pela imagem, como um universo similar ao grupo.

O estudo revelou os limites impostos aos indivíduos por esses elementos sociais e buscou compreender como as nutricionistas afirmam sua identidade nesse contexto. Este trabalho pretendeu instigar o debate sobre a obesidade na categoria profissional de nutricionistas a partir das vozes apresentadas que revelam o desrespeito e desqualificação enfrentados cotidianamente por essas mulheres.

Abordar a experiência da obesidade para essas mulheres – agentes de saúde e de suas próprias vidas – evidenciou a perda do corpo como valor de uso para a profissão como se fossem descartáveis ao mundo científico. Nesse sentido, aceitação social da obesidade de nutricionistas significaria compreender a complexidade do problema que se apresenta, mas isso ainda falta.

Referências

- Adam P, Herzlich C. *Saúde, doença e suas interpretações culturais e sociais*. In: Adam P, Herzlich C. *Sociologia da Doença e da Medicina*. Bauru: EDUSC; 2001. 144p.
- Bibeau G, Corin E. *Beyond textuality: Ascetism and violence in anthropological interpretation*. Berlin: Mouton de Gruyter; 1995.
- Castro, AL. *O mercado da beleza e da boa forma: a materialidade do culto ao corpo*. In: *Culto ao corpo e sociedade: mídia, estilos de vida e cultura de consumo*. Annablume, 2003. 136p.
- Cavechia LA, Bustamante PG, Correia, JR. *Diagnóstico dos agricultores familiares feirantes da comunidade de Água Boa II, Norte de Minas Gerais*. Comunicado Técnico 179. Brasília, 2008.
- Diez-Garcia, RW. *Mudanças Alimentares: Implicações Práticas, Teóricas e Metodológicas*. In: Rosa Wanda Diez-Garcia; Ana Maria Cervato-Mancuso. (Org.). *Nutrição e Metabolismo: Mudanças alimentares e Educação Nutricional*. 1ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2012, v. 1, p. 4-16.
- Dhoquois, R. *O direito do trabalho e o corpo da mulher (França: séculos XIX e XX)*. In: *O corpo feminino em debate*. Maria Izilda S. Matos e Rachel Soihet (Org.). 1ª ed. Fundação Editora UNESP. São Paulo, 2003.

- Esteban, ML. *El cuerpo em la sociedad occidental*. In: Antropología del cuerpo. Ed. Bellaterra. Barcelona, 2004.
- Esteban ML. *La teoría social y feminista del cuerpo. Hacia una teoría corporal de la acción social e individual*. In: Esteban ML. *El cuerpo em la sociedad occidental. Imagem corporal, peso y alimentación*. Barcelona: Edicions Bellaterra; 2004.
- Freitas, MCS. *Mulher lighth: corpo, dieta e repressão*. In: *Imagens da mulher na cultura contemporânea / organizado por Sílvia Lúcia Ferreira e Enilda Rosendo do Nascimento*. - Salvador: NEIM/UFBA, 2002.268p.- (Coleção Bahianas; 7).
- Gadamer HG. *Verdade e método*. Petrópolis: Vozes; 1997.
- Gracia-Arnaiz, M. *La emergência de las sociedades obesogénicas o de la obesidade como problema social*. In: *Comemos lo que somos: reflexionessobre cuerpo, gênero y salud*. Barcelona: Icaria Editorial, 2015.
- Hubert, A. *Prefácio*. In: *No comerás*. Mabel Gracia Arnaiz y Josep M. Comelles. Ed. Universitat Rovira I Virgili. Barcelona, 2007.
- Minayo, M.C.S. *O desafio do conhecimento: Pesquisa qualitativa em saúde*. 12ª ed. São Paulo: Hucitec; 2012.
- Perrot, M. *Os silêncios do corpo da mulher*. In: *O corpo feminino em debate*. Maria Izilda S. Matos e Rachel Soihet (Org.). 1ª ed. Fundação Editora UNESP. São Paulo, 2003.
- Vincent, G. *O corpo e o enigma sexual*. In: *História da Vida Privada, 5*. Org. Antoine Prost e Gérard Vincent; tradução Denise Bottmann. – São Paulo: Companhia das Letras, 1992.